

REMORSO

Newton Sampaio

Nota Explicativa

A novela *Remorso* apareceu, sob o formato de 11 “folhetins”, no extinto jornal *O Dia*, de Curitiba, em 1935. A publicação se fez do dia 26 de fevereiro a 3 de março, depois de 7 a 10 de março, sendo concluída, finalmente, em 12 de março.

Embora cada parte fosse classificada de folhetim, não se pode dizer que o texto tenha sido concebido para sair assim. As necessidades de espaço do jornal parecem ter sido o principal critério para a delimitação de cada um desses folhetins. Há mesmo o flagrante exagero de uma palavra, durante a fala de uma personagem, ser dividida: “ridí-” encerrava o oitavo folhetim, enquanto o nono começava com “cula”. Por isso, as únicas divisões que se mantiveram aqui foram as das três partes indicadas explicitamente, que de fato correspondem a momentos distintos no desenvolvimento do enredo e da ambientação da narrativa, e as divisões entre cenas marcadas com asteriscos.

Quanto ao estabelecimento do texto, não se fez algo que se possa classificar, mesmo em sentido amplo, de edição crítica, já que não foi possível ter acesso a qualquer outra fonte que não o jornal. Procurei, então, fazer uma transcrição fiel do texto ali publicado, respeitando inclusive a pontuação, mesmo quando ela pode parecer estranha, e procedendo a correções apenas quan-

do se trata de evidente cochilo de revisão. A única intervenção maior que fiz foi a atualização da ortografia. Optei, no entanto, por manter grafadas entre aspas as palavras estrangeiras, mesmo aquelas que acabaram se incorporando plenamente ao português, como *bar* ou *sanduíche* – o que, parece-me, garante a manutenção de um certo sabor de coisa antiga, ao mesmo tempo em que deixa claro um traço do estilo de Newton Sampaio que se neutralizaria com a normatização da grafia. Tenho, neste caso, um antecedente ilustre: foi este o critério usado por Haroldo de Campos na edição dos poemas de Oswald de Andrade.

Em toda a novela, apenas uma palavra não pôde ser decifrada e em seu lugar, entre parênteses, encontra-se a inscrição *ilegível*.

Luís Bueno

UFPR

NOTA DO AUTOR

“Remorso” nasceu inesperadamente. A pena começara primeiro com a intenção de traçar um conto. Para isso, foi andando, foi andando... Daí a pouco, as folhas se puseram mais numerosas do que seria de esperar. E o conto teve então de gorar. Gorou, de verdade. Mas, cinco dias depois, deixou um rebento: esta novela.

* * *

“Remorso” tem uma porção de defeitos. Por exemplo: o entrecho é dado em capítulos muito curtos. A novela segue a chamada “técnica das fatias”, lembrada algures por um pândego qualquer. A introspeção foi sacrificada em favor do movimento. Assim também o ambiente, etc. Mas não faz mal. Dessa forma me vingou do tal público que lê ficção ouvindo rádio, mastigando “sandwichs” ou enchendo horas de tédio.

* * *

Ao lado dessa vingança, vai uma homenagem. Homenagem ao pessoal que tem paciência de percorrer os escritores novos. A essa gente bondosa. A

esse pessoal amigo que sabe ler inteligentemente. Que não sabe ler maquinalmente.

* * *

É muito dispensável o que aí ficou dito. Mas não sinto remorso da introdução. Nem tenho remorso da novela. Porque todo esforço deve ser encarado com superioridade. Com simpatia. Superioridade que dá visão de conjunto ao julgamento. Simpatia que não exime o senso da crítica.

* * *

PRIMEIRA PARTE

A tarde descambava rapidamente, em uma agonia brusca. E o povaréu anônimo, interpretando bem o aviso daquele ar pesado, desenrolava-se pelas ruas, enfiava-se pelas casas, numa compreensão tácita de que era preciso fugir à borrasca iminente.

Fernando Soares deixou-se ficar na janela, entretido no cômico vai e vem da massa medrosa.

Uma velhota, arrastando pela mão um garoto de seis anos, cruzou a calçada, com azedume:

– Anda, pestinho. Depois vai ficar doente, aí a toa...

Um moleque, de boné caído do lado, indiferente ao que ia acontecendo, continuava a assoviar um samba vulgar, com as mãos enterradas nos bolsos.

Um sujeito corpulento, de braço atravessado na cintura de uma moça muito delgada, passou esfregando-se lentamente na parede, com o jeito de quem abençoa a chuva oportuna, que viera permitir aquele aconchego bastante agradável.

Aos ouvidos de Fernando chegaram apenas uns farrapos de frases, apenas balbuciadas:

– ...Eu já dei tanta prova disso que até...

– Bendita mediocridade! (pensou). Obrigiar a pequena a fazer uma declaração de amor em um momento destes...

E sorriu com profunda ironia.

A chuva começava a cair muito sonora, fazendo do asfalto um salão de dança maluca, transformando os telhados num tablado de fandango, onde cada bailarino não sobrevivia aos primeiros passos.

O rapaz fechou cuidadosamente a janela. Um arrepio andou ligeiro pelo seu corpo.

– Eh! Eh! Este maio com chuva não pode trazer outra coisa senão um inverno tremendo.

(No interior da pensão, os companheiros começavam a mastigar o jantar de dona Amélia).

* * *

Quando a chuva serenou, lá pelas oito horas, Fernando foi o único estudante que se não meteu pra dentro da noite escura. Preferiu ficar no quarto lendo.

Fascinado pelo majestoso panorama interior que a vera cultura nos pode proporcionar, ardia por possuí-la, a todo custo. Daí, a feição quase monástica que dera a seu viver, num desapego notável a quaisquer futilidades, para melhor exprimir-se nos torneios da inteligência. Daí a sua predileção em empanurrar o cérebro dos conhecimentos mais variados, embora, paralelamente, o coração seu devesse andar vazio, medonhamente vazio, de quanta coisa boa Deus, ou o diabo, pôs neste mundo.

Nem conseguira acomodar-se na cadeira, e já a dona Amélia vinha bater-lhe à porta:

– “Seu” Fernando. Está a uma “certa” lourinha perguntando pelo senhor. Espantou-se. Uma lourinha? Quem seria a estranha visitante?

Caminhou até a sala.

– Boa noite. O senhor é o Fernando, não é?

– Boa noite. E a senhorita é a Sônia, não é?

Sorriram ambos, achando esquisito o começo do diálogo.

– Estou às suas ordens.

Sônia explicou. O seu irmãozinho, o Nicolau, estava de cama. O pai não quisera que se chamasse médico. E dissera então: Quem sabe aquele moço ali da pensão não seria capaz de examinar o menino?

– Desculpe de lhe vir dar incômodo. Mas o papai insistiu tanto...

– Por favor. Isso não é incômodo.

E acrescentou com vivacidade:

– Daqui a pouco estarei lá.

Despediram-se...

– Esta é muito boa. Será que minha clínica vai começar ainda no curso acadêmico?

* * *

Examinou cuidadosamente o garoto.

– Nada de importância. Uma disenteria sem maiores conseqüências.

Deu meia dúzia de recomendações. Disse que mandaria preparar, na farmácia da esquina, uma poção para ser dada de 2 em 2 horas. Mais ainda. Ele mesmo viria aplicar umas injeções que o pai de Nicolau poderia comprar logo. Bastava mostrar o que estava escrito naquele papel, (e escreveu: soro antidesintérico – 10cm³), que o farmacêutico já sabia o que era.

* * *

Apesar de vizinhos, desde dois ou três anos, jamais haviam conversado. E aparecia essa oportunidade obrigatória de conhecê-la mais intimamente. Fernando não se sentiu aborrecido.

Sônia era realmente bonita. Os cabelos bem louros, os olhos de um claro muito eslavo, valeram-lhe, na roda de estudantes, o apelido de “polaca”. Esse termo aliás, era mais depreciativo que outra qualquer coisa. E vá agora a gente compreender o significado que a gíria dá a certas palavras...

Quando o doentinho se restabeleceu, continuou a falar-lhe.

Certa vez, indagou de sua vida.

– Seus pais são russos?

– Por que pergunta?

– À toa.

– Não. São naturais mesmo de Varsóvia.

– Acho estranho por causa do nome dos filhos: Sônia, Catarina, Nicolau...

E contou a história do retalhamento da Polônia, por obra sobretudo da Rússia.

– Sua família não devia gostar muito dos russos. Eles perseguiram bastante os seus antepassados.

Referiu-se à lenda de Koseivsko. Pôs-se a louvar depois os olhos claros da gente polonesa. E acabou exaltando, naquela noite, tudo que havia de bonito em Sônia.

Fernando surpreendia-se, de vez em quando, com este pensamento:

– O que será que eu ando sentindo por essa menina? Afinal de contas, ela é filha de imigrantes, e eu descendo da família Soares, que tem mantido sempre uma posição de muito relevo.

Logo, porém, tomava outra direção.

– Bolas! Isso não é justificativa. Argumentar à custa de preconceitos, é tolice consumada.

E, daí por diante, continuavam as idéias a debater-se, enquanto os tratados de medicina gozavam um descanso no ângulo da mesa.

* * *

O primeiro que notou sua modificação foi o primo Nivaldo.

– Vocês já repararam no Fernando? Juro que o “monge”, quando nós vamos pro centro, à noite, fica aí conversando com a vizinha... Até quero voltar mais cedo, hoje.

E voltou, de verdade, obtendo absoluta confirmação de tudo.

No dia seguinte, à hora do almoço, a novidade estalou com sensação.

– Muito bem, muito bem. Fernando dispensa a amizade das moças nossas conhecidas, – gente muito distinta, – e deixa-se enfeitiçar, no entanto, aí por uma qualquer. E logo por quem! Pela Sônia! Pela polaca Sônia!

Percebeu, como caminho mais aconselhável, não lhe dar ouvidos. Qualquer defesa, no momento, seria inútil, totalmente inútil.

Limitou-se, pois, a um sorriso acanhado e a uma frase rara em seus lábios:

– Qual o meu papel, então? Pelo menos com essa, posso conseguir “algo” que me interessa.

Nivaldo arregalou os olhos.

– O quê. Tão depressa assim?

Levantou-se da mesa, disposto a nunca mais ir procurá-la. Mas refletiu. Uma retirada assim brusca não condizia bem com suas maneiras sempre polidas.

Escarafunchou no cérebro uma desculpa magríssima. E tocou-se pra perto de Sônia.

Ela foi dizendo logo:

– Por que não apareceu ontem? Esperei-o tanto tempo...

– Estive ocupado. Andam pesados, os exames.

– Sim, sim. Quem sabe eu não o tenho visto sair com aqueles colegas antipáticos?

Não respondeu. Baixou o olhar, percorrendo-lhe o corpo, involuntariamente, de alto a baixo.

Foi o suficiente para que se quebrasse a primeira disposição.
 – Quem pode resistir a um demônio deste?
 E desconversou habilmente.

Tinha ciência da voz belíssima de Sônia. Ouvia-a cantar, sempre, enquanto estudava no quarto da frente.

Perguntou-lhe:

– Por que você não se matricula na escola de canto?

Ela usou de franqueza. Tivera sempre essa vontade. Mas a situação do pai não permitia maiores despesas.

– E o curso, será tão caro assim?

Silenciou um instante.

– Deixe-me tratar disso. Sou muito amigo do diretor do Instituto. Tudo se fará bem, há de ver.

Dias depois, Sônia principiou a freqüentar, certas manhãs, o curso de canto. E foi rompendo, com sucesso, cercando-se do prestígio que o talento pode sempre conquistar.

Na pensão de dona Amélia, deixando de ser novidade, o namoro de Fernando perdeu a graça. E, naquele prédio abarrotado de estudantes, a vida retomou o ritmo antigo.

O inverno roubou um pouco do encanto da cidade. O sol custava a aparecer, e as noites eram feias com o choro da garoa impertinente. Por que será que nas horas assim, o coração da gente também fica invadido de neblina, com uma coisa aborrecida bulindo lá dentro? Esquisita, essa solidariedade das almas com as coisas...

Fernando Soares, agasalhado no casacão pesado, espiava, da porta, a rua quase deserta, molhadinha de lado a lado. Lá ao longe, a cidade era igualmente triste, com os enormes reclames luminosos pinicando a chuvinha miúda, sem parar.

Pensou no que iria fazer. Conversar com Sônia? Impossível, apesar de não se terem visto há dias. Andar na rua, sem destino? Besteira, sem dúvida. Não fosse já tarde, e iria ao cinema. É verdade. Podia ter ido ao cinema. Precisava distrair-se. A reclusão exagerada enervava-o. Doía-lhe a cabeça, quase sempre. Andava mal humorado, indisposto. Para que diabo se metera com aquilo? Acostumara-se a conversar com a vizinha, e, agora, as tardinhas de chuva lhe pareciam insuportáveis. E o inverno? Como estava demorando, aquele inverno!

Setembro chegou, espantando a chuva e o frio. E os jardins de novo se puseram a florir. E a cidade principiou a enfeitiçar-se outra vez, contente com o pessoal elegante que vinha das praias. E na alma da gente havia outro hausto de beleza, campainhava um anseio novo de vida...

Fernando recebeu a visita de três moças conhecidas. Vinham oferecer-lhe ingresso para uma noitada em benefício do Asilo dos Velhos.

– Em benefício do Asilo dos Velhos?

– Sim senhor. Mistura de caridade com dança.

Foram-se, com os seus cinco mil réis.

– Caridade e dança... Muito bonito. A dança é uma espécie de caridade que nós fazemos aos sentidos insatisfeitos dessas e de outras. E a caridade?

Puxou pelo cérebro.

– E a caridade...

Falhou uma definição de efeito.

Não fez questão. Antes um tico de prosa com a vizinha.

– Sabe o que vieram fazer aquelas pequenas?

– Sei. Elas estiveram aqui, primeiro.

– Pois muito bem. Até que enfim nos encontraremos num baile!

E mostrou a dentadura bonita, no sorriso mais fresco deste mundo.

Sorriu diante de Sônia, apenas. Quando entrou no quarto, carregava no rosto um aborrecimento visível.

– E agora? Vai a cidade inteira saber da minha história.

(Estava o cigarro quase no fim).

– Tão bom, este namoro assim escondido...

(Antes sofreu os olhares irônicos dos outros).

– Afinal de contas, o primo Nivaldo tem toda a razão. Diante do resto da sociedade, Sônia é o que é. Que importa, tenha o pai chegado a oficial, lá na Polônia, se aqui ninguém o considera mais que um imigrante?

(Atirou o cigarro, longe).

– Boa espiga, fui arranjar!

Sônia falou-lhe um pouco triste.

– Sabe, Fernando? Creio que não irei à festa.

– Por que, menina?

– Papai quase não gosta dessas coisas... O Nicolau é muito criança. Sozinhas, é que a Catarina e eu não podemos ir. Fica feio.

Passou os olhos involuntariamente, como da outra vez, no corpo soberbo. Decidiu-se.

– Quem sabe eu poderia levá-las? Há algum mal nisso?

– Se o papai deixasse...

O velho Estêvão não pôs dúvidas. Fernando merecia dele toda a consideração. Era o médico da casa, podia-se dizer.

Sônia, que propusera a solução com medo, vagamente, suspirou, aliviada.

– Graças a Deus!

Na pensão de dona Amélia, os rapazes vestiam-se cuidadosamente.

– Com que então, senhor Fernando, prometeu acompanhá-la, hein?

– Não amole, Nivaldo. Nenhuma satisfação devo a essa sociedade estúpida. Não tenho parente algum em Curitiba, para envergonhar. Onde está o inconveniente, na minha atitude?

– Inconveniente não há, é claro. E se o velho Soares viesse a saber disso? Aí é que a questão complicava.

(Acabava de pôr a gravata).

– Também... livre-se dos meus “botes”, no valão.

– Deixemos de brincadeira, Nivaldo. Aqui dentro pode fazer o que quiser. Lá fora, não.

Nivaldo riu, zombeteiro.

– Olha o homem das poses.

No fundo, porém, justificava o outro. Sônia, num baile, devia ser mesmo uma coisa colossal. Aquela cinturinha galante... Aquele busto tentador...

– Sujeito de sorte, esse meu primo!

Nivaldo e os companheiros, fiéis ao prometido, nem sorriram, quando Fernando entrou, acompanhado de Sônia e Catarina, como se fosse aquilo a coisa mais natural deste mundo. E eles puderam divertir-se à vontade. Dissessem os outros o que dissessem. Pouco se importariam. Que se danassem todos.

Estava totalmente deserta a rua em que dona Amélia instalara sua pensão. Há tempo que os bondes tinham sido recolhidos.

– Nunca esquecerei o baile de hoje.

– Nem eu. Adorável!

– Pudera. Não se largaram, os dois, até o fim.

A casa de Estêvão apareceu, com o portãozinho da frente, discreto.

Catarina transpôs a porta, com passinhos leves.

– Aquilo que você me disse era mesmo verdade?

– Juro. Não sou capaz de brincadeiras.

Longe, um noctívago qualquer, em plena solidão, atirava pro céu sem lua uma canção vulgar. Andava pelo ar um ventinho bom, prenunciando a manhã, e trazendo um perfume diferente daquele que a gente vive sempre a aspirar.

Fernando sentia no corpo todo um amolecimento gostoso, com o ouvido carregado da impressão desordenada de mil melodias.

– Sônia...

– ...

Foi-lhe procurando os lábios mansamente.

Ela ergueu-se toda, na ponta dos pés, estancando a respiração. Teve a impressão de que os seus ossos se esfarelaram todos, e ela mesma se fluidificava no espaço.

Colaram-se os dois corpos, num afogamento sem fim.

Fernando entrou no quarto, exultante, com vontade de cantar, de gritar, de correr.

Olhou-se no espelho.

– Era só o que faltava.

(O lenço apagou depressa aquela mancha vermelha).

No canto da mesa, os livros descansavam bem fechados, sossegadinhos.

No primeiro momento, houve um certo embaraço, de parte a parte, embaraço que logo desapareceu. Tão natural, tão humano, aquilo tudo!

– Cansou-se muito?

– Nem tanto.

– Pois eu...

E a conversa tomou o ritmo do costume.

Foi crescendo, a intimidade. Foi crescendo, demais, até. Era fatal.

Espichado na cama, em todo o comprimento, Fernando quedava-se, às vezes, calado, sozinho, a ruminar sobre aquele trecho de sua vida, desencantada sempre.

– O interessante é que nós encaramos os fatos com a máxima simplicidade. Pagamos o tributo à sensualidade, e o achamos leve, ainda. Nem sequer fingimos enleio.

Revoltava-se com isso.

– Mas isso não pode continuar. Que diabo! Como posso estar aí, aproveitando-me dela, sem a menor intenção séria?

Dentro da cabeça rolava um montão de idéias, umas por conta de Freud, outras por sua própria conta.

– É a mesma história de sempre. A moçoila, aperreada pelos preconceitos, andava cheia de recalques, com o subconsciente carregado. Eu cheguei, satisfiz-lhe alguns desejos, e rompi o dique, portanto.

Voltava-se para si mesmo:

– Também eu, – vamos e venhamos, – não passo de um estúpido. São idênticas, as condições minhas. Metido a puritano, tenho andado por aí, feito frade escrupuloso. E por que tudo isso? Nenhum preceito religioso tenho a cumprir... Fé alguma me purifica a alma... Desgraçadamente, sou um céptico vulgar, sem a mínima originalidade. No entanto, deixei-me dominar, completamente, pela carnação da Sônia. Sim. É essa a verdade. Deixei-me dominar. Mas, pela carnação? Como assim? Quero-a, apenas, para uns minutos emocionais. Ah! Os beijos da Sônia... Uns são devagarzinho, outros... Bolas! Até

pareço meninote de colégio, quando se inicia nos vícios sujos. Decididamente, sou um bobo. Sou um grande bobo. Só assim posso explicar tanta coisa besta. Tanto procedimento de asno. Fernando, você é um asno. Está ouvindo? Um asno, Fernando. Daqueles quadrados. Bem orelhudos.

Tirava, às vezes, conclusões estapafúrdias, em suas cismas:

– Era natural que o sem-saborismo do meu passado viesse dar expressão maior à libertação do meu presente. Se eu fosse como Nivaldo, por exemplo, a Sônia não constituiria para mim senão um fútil capítulo a mais na minha vida de estudante. Logo, para ser o homem bom, há de ter sido canalha no passado. O mal é que prepara o bem, servindo-se da dor, da insatisfação.

Toda essa filosofia baratíssima, todos esses paradoxos insignificantes, porém, fundiam-se a um simples olhar de Sônia. Mandava então às favas o Freud, os livros, o arrependimento e beijava com ganância, aqueles lábios, depois o queixo, depois os seios que estremeciam...

As férias vinham perto. Suspirava por elas. Um meio fácil, um motivo único de rompimento. Estava farto daquilo.

Voltando do centro, certo dia, teve uma boa surpresa. Logo que dobrou a esquina, percebeu, em frente à pensão da dona Amélia, um automóvel que muito conhecia.

Na sala grande, esperava-o o mano Wilson.

– O quê? Você por aqui? E sem avisar a gente?

– Não se espante, rapaz. Não se espante. Um homem de negócios anda mais depressa que o telegrama.

– Vai ele! Grandes negócios, mesmo, os seus... Como vive o nosso pessoal? (Era o contraste do irmão. Contraste no físico e no temperamento, o que não impedia se dessem esplendidamente).

Despejou as novidades. Seriam muitas, a julgar pela extensão da palestra.

– Então a Carlotinha se queixa muito de que eu não escrevo?

– E com toda razão. Pensávamos nós todos que você estivesse doente.

– Que dúvida, mano! Não vê que eu seria capaz de ficar doente e não avisar... E a política da província! Já exoneraram o Leandro?

Wilson descreveu, com abundância de minúcias, os últimos acontecimentos de Faxina.

– Quantos dias fica comigo?

– Quantos dias? Nem um. Viajo amanhã mesmo para Florianópolis.

– Que fúria!

- Os negócios... Os negócios.
- E o Chevrolet agüenta?
- Não é preciso. Eu vou pela estrada de ferro. Você fica com o carro até o outro mês. Depois dos exames, junte os colegas e meta o bicho na estrada.
- Feito!

Wilson, de fato, embarcou com destino ao Sul, na manhã seguinte. Na volta, passaria diretamente para Santos, via marítima.

Fernando encarregou-o de um mundo de coisas. E já na hora da partida:

- Não esqueça de dizer isso ao velho. E abra os olhos da Carlotinha. O rapaz não é coisa boa, não. Tive péssimas informações dele.

O Chevrolet 304 do coronel Soares não teve parada. Diariamente, Fernando o conduzia a passeios barulhentos. Era isto, uma de suas predileções já antigas.

Sônia queixou-se de estar desprezada, nos últimos dias.

- Nem diga isso. Continuo aqui, sempre.
- Sim. Mas toda a vida apressado, apressado com o pensamento nos colegas e no automóvel.

Sônia levava a sério, aquela história sem dúvida.

- Não se zangue. Amanhã é domingo, e nós iremos passear juntos. Aceita?

– Sendo pra voltar logo...

Combinaram o passeio.

– Não conte a ninguém, está ouvindo?

– Como não?

Lá pelas seis horas da tarde seguinte, tocaram-se pras bandas do Juvevê.

– Corra menos, maluco. Vai ficar esticado, aí na estrada.

– Se eu morrer, morreremos juntos. Já é um consolo.

– ...

– Zangou-se?

– Muito, não.

– De que adiantava, mesmo, fazer cara feia? (Um carro passou levantando poeira como um demônio).

– Conheço um remédio muito bom para curar as tristezas de todas as Sônias do mundo.

(O automóvel engolia quilômetros, feito jibóia de rodas).

– Vou-lhe mostrar a estrada nova. Queira Deus que esteja terminado o serviço.

Calcou o pedal com perícia.

– Veja como gente grande leva um carro destes, veja.

O sol começava a desaparecer. O posto de gasolina ficara muito para trás.

– Credo, Fernando. Vamos voltar. É tarde demais.

– Verdade. Nem tinha notado. Com você ao lado, até me esqueço do mundo.

– Deixe de fita. Volte daqui mesmo.

Obedeceu.

– Vamos descansar dois minutos? Dois minutos só, até acordar minha perna.

Sônia encostou-se na portinhola do carro. Olhou em torno. Tudo silencioso. De um lado e doutro, a mataria bonita. Chegavam de muito longe, as primeiras sombras informes que vinham dar extrema unção à tarde quente de domingo.

Fernando achegou-se à moça.

– Não fique receosa. Voltaremos a sessenta.

Consentiu o aniquilamento das forças superiores. E outras, mais baixas, surdiram sem controle.

Beijou-lhe a boca vermelhinha. Desviou para as pálpebras, para os ângulos do rosto, para a primeira curva do colo.

Sônia balbuciou qualquer coisa, pedindo, rogando.

– Não, Fernando... Não faça isso...

– Deixa, bobinha... Deixa... O que é que tem?

E a noite, conivente involuntária, encobriu os estremecimentos de duas mocidades em plena floração.

Aborreceu-se profundamente.

– Que fortíssimo safardana, sou eu!

A auto-acusação vinha violenta, rica de adjetivos e argumentos.

– A Sônia, – coitadinha! – e criança, ainda. Não se pode defender com vantagem. E quando a mulher vê provocado nas entranhas o sexo bárbaro, aquela que desvia o perigo precisa ser uma heroína.

Um temor exagerado, mais de fundo religioso que de caráter jurídico –

(a lei pode-se com habilidade ludibriar, mas a semente de fé que sua mamãe há muitos anos lhe depositara no coração, era o bastante para lhe prevenir, ao menos a existência de uma Força invisível, suprema) – um temor exagerado o fez rolar na cama.

– Eis no que deu a minha medicina. Através do primeiro cliente que me aparece, cometo essa ação suja, sujíssima. Onde esconder, agora os sonhos antigos: ser um médico digno, respeitador? Ideais de minha mocidade! Vocês eram tão grandes, tão poderosos, que uma “polaca” vulgar, em cinco minutos, pôde varrê-los de minhas mãos!

Doía-lhe fundo, a ironia.

– Está vendo? Convenceu-se agora de que a sua ciência, longe da moral, é imprestável? Vá depressa. Vá, corra àquela terapêutica ali. Folheie o seu autor predileto, e procure solução ao caso de sua consciência.

A inquietação aumentava, ante o calor da cabeça.

– Muito bem, famoso acadêmico, estudante ilustre que vive a discutir com os professores. Discuta, agora, consigo mesmo. Contraponha o seu “eu” mental ao outro “eu” que você não quis nunca aceitar.

E continuou assim pela noite adentro. Às vezes, esbugalhava os olhos, na impressão de que, à porta da pensão, parava um oficial de justiça misterioso, com uma precatória vinda de Curitiba, ou de Faxina, ou do inferno, nem sabia de onde. Depois, largava a imaginação no ponto da estrada, onde Sônia aninhara-se amolecida, em seus braços. Envolvendo tudo, porém, havia sempre um sudário impalpável, cheio de dobras sombrias.

Sônia chorou baixinho, quando se trancou no quarto. Gostava de Fernando, sem dúvida. E muito. Devia-lhe a entrada na sociedade, a carreira que seguia, a ilustração que ia tendo. Entretanto...

As primeiras palavras discorreram desarticuladas, vagas.

Tudo desapareceu, porém, dentro em pouco. O mal já estava feito, mesmo... Não havia jeito de remediá-lo.

E o Chevrolet 304 do Coronel Soares, de Faxina, continuou a chispar lá pras bandas do Juvevê, não sei pra que fim.

Nivaldo desconfiou daqueles desaparecimentos bruscos. E, um dia, jogou verde para colher maduro.

– Então, monge apóstata. Achou que o convento não valia a pena?

Fernando não lhe quis dar resposta.

– Um esquisitão, esse meu primo, não acha, colega? Viu como ele anda, nos últimos tempos, cheio de mistérios?

(Nesse momento, Fernando recordava os requintes de carinhos, de Sônia. Que carne magnífica, a sua!).

Para vir às férias, foi um susto. Precisou prometer, jurar por todos os santos, pelo nome de sua mãe que estava lá no céu, que voltaria à pensão de dona Amélia.

– Não receie nada. Mesmo que quisesse, não conseguiria transferência.

– Quando vocês sabem que o nosso coração já se mudou daqui de dentro, vocês judiam tanto da gente, tanto!

Em Faxina, devolvido ao ambiente do lar, foi reconstituindo aos poucos a calma antiga, crendo que a distância resolveria tudo.

Um dia, trouxe-lhe o correio uma cartinha escrita numa letra muito caprichada "...As saudades são grandes demais para caber aqui. Por isso ficam comigo. É tão bom, ter saudades... Vou exibir-me em público, na semana que vem. Parece que o recital do Instituto terá grande assistência. Que pena você não estar aqui! Não faz mal. O meu gosto agora, é chegar àquele ponto que você exige, está lembrando pra quê?..."

Carlotinha surpreendeu-o com o papel largado na mão, os olhos perdidos nos longes do horizonte divisado através da janela.

– Então sempre é verdade que existe alguém em seu coração?

– Tolices, maninha.

– Tolices...

Ela fez um ar de tristeza, olhando o chão.

– Só eu é que não posso fazer dessas tolices.

– Escute, Carlotinha. Não é bem isso. Ninguém pode impedir que você tenha um namorado. Claro que não. Mas é preciso saber quem é o rapaz. Compreenda as exigências do velho.

Carlotinha armou-se de coragem.

– Por que essa implicância sua com o Olavo? Ele não está tão bem colocado?

– Isso não é suficiente.

– Não é suficiente? O que é preciso mais, então?

– Nada de exaltações, menina. Você apenas tem 18 anos. Nem tudo lhe devo explicar, vê-se logo. Somente digo: O Olavo não pode entrar na família. Não pode. E acabou-se.

Encheu-se novamente a pensão de dona Amélia.

Sônia exultou ao rever Fernando.

– Três meses, quase. Não é brincadeira.

Apareceu, um dia, com olhos pisados, doloridos.

– Sabe, Fernando. Não posso mais suportar muito tempo. Hoje, depois do almoço...

Fez um esforço louco para não chorar.

– Sim. Diga.

– ... hoje papai começou a me olhar, a me olhar, reparando no meu jeito, reparando assim, sem dizer nada...

Não conteve as lágrimas.

– Por caridade, Sônia. Tenha confiança em mim. Vou escrever a meu velho, amanhã.

– Amanhã.

E repetiu, vagamente:

– Amanhã...

Entrou no quarto de Nivaldo, disposto a confessar tudo. O primo não voltara, ainda.

– Dez horas.

Desordem de todas as coisas. Livros... Roupas...

– Nivaldo há de me ajudar. Afinal de contas, somos parentes, somos amigos.

Sentou-se. Não gostou. Põe-se a andar, inquieto.

Nivaldo não conteve o espanto:

– Chi! Que cara fúnebre, a sua, monge.
– Vá pro diabo. Não amole.
O outro recuou, assombrado.
– Perdoa, Nivaldo. Foi sem querer. Nem sei mais o que faço. Tudo em mim é derrota, é desespero.
– Fala, menino. Que venha de lá, a tragédia.
Custou, mas decidiu-se:
– Vou confiar-lhe um segredo. Jura uma discricção absoluta?
– Já jurei.
– É que Sônia e eu...
Nivaldo ficou sério.
– Não era segredo pra mim. Aliás, a turma toda anda com desconfianças. Até a dona Amélia. Não lhe falei antes, porque nada tenho a ver com sua vida.

Fernando era expressão do desalento.
– E agora. O que hei de fazer?
Pensou na resposta. Ela chegou cheia de pausas.
– Casar com ela, não dá. O velho Soares faria barulho, na certa. Esperar que o mongezinho saia...
– Não brinque, Nivaldo. Pelo menos agora.
– Perdão.
– Ajude-me pelo amor de Deus. Seja amigo.
(Nivaldo desabotoou a camisa).
– É. O caso é complicado, mesmo. Mas precisamos arranjar um jeito.
Há de se arranjar um jeito.
(Olhou o teto pintado de fresco).
– Quem sabe se com dinheiro...
– Lembre-se que Sônia não é mulher da vida, hein?
Nivaldo compreendeu a exaltação.
– Não é... agora. Pode ser, um dia.
Fernando sentou-se, esmagado. Seria possível?
(Nivaldo tinha uma linguagem solta, sem rodeios).
– Você foi imprudente. Se ao menos tivesse feito a coisa daquele jeiti-
nho especial...

Chegou a Fernando um telegrama de Wilson. Que embarcasse imediatamente.

Não pôs dúvidas na ordem do irmão. Tomou o expresso, da manhã seguinte.

A viagem não lhe pareceu, vez nenhuma, tão longa assim. Pelos termos do telegrama, nada ficou sabendo. Qual seria aquele assunto urgente?

Wilson o recebeu na estação, de feição sisuda.

– Foi o Olavo, aquele canalha.

O velho Soares estava a ponto de estourar, de ódio. Ramo de família tradicionalíssima em toda a região, – família obediente sempre a rigores extremos, – recebera um golpe violento pelo escândalo da Carlotinha.

– Mostrem-se dignos do nome que vão herdar. Tragam-me aqui este miserável.

Fernando olhou o pai, sem dizer palavras. E viu que ele era uma só raiva, um só gigante provocado, ferido.

Quis falar a Carlotinha. Não o conseguiu. A porta do quarto estava trancada por dentro.

A semente que dona Cecília, há quinze anos, lhe pusera no coração, com todo carinho, tendia a germinar. Considerava-se o único culpado na infelicidade da irmã. Fora ele, metendo-se naquela aventura, quem escrevera na família Soares a primeira página de lama. E não é que o demônio do exemplo parecia tomar prole, mesmo?

Ninguém vinha a rua, por passeio.

– Somos uns páreas, em Faxina, se vocês não lavarem a afronta, – berrava o velho.

O Wilson ponderava logo:

– O culpado é sempre o rapaz. A infâmia é de quem se aproveita da inexperiência, da fraqueza.

(Fernando saiu da sala, em meio segundo).

Começou a protelar a viagem, dia por dia.

Mantinha-se carregado, ainda, o ambiente da família. Ninguém falava, quase.

Perdia horas seguidas espichado na rede, matutando.

Carlotinha – como tinha o coração bom, a Carlotinha! – ia e vinha, arrumando a casa.

Voltar a Curitiba? O desassossego continuaria. Ficar em Faxina? A presença da irmã, naquela situação, constituía o maior dos libelos possíveis.

Fazia os cálculos, com uma crueza inaudita:

– Dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio... Daqui a três meses, provavelmente...

A carta expressa do Nivaldo foi impiedosa.

Fizera o possível para impedir o escândalo. Esgotara todos os recursos. Tudo acabado. O caso chegara à Polícia para o competente exame.

A carta terminava com uma ironia: “Quem foi feito pra monge...”

Nivaldo parecia não ter coração.

(A folha de papel voou pela janela, violentamente).

SEGUNDA PARTE

Naquela tarde de sábado, a Avenida regurgitava de gente. E era mesmo um gosto ver a elegância das mulheres que passavam, – elegância que parecia uma arte requintada a serviço de uma religião esquisita: a futilidade. A futilidade, compreenda-se bem, constitui uma religião onde são incontáveis as ofi-
ciantes, – religião que jamais sofreu perseguições de imperadores romanos nem variou de prestígio ao sabor dos Carlos Magnos ou dos enciclopedistas. Eis por que, na cidade, o “footing” aos sábados é reverenciado como uma pontifical na Candelária. Apenas, a cerimônia se faz em uma nave atravessada de sol, e o incenso se fabrica especialmente em perfumarias parisienses de nomes complicados.

A multidão movia-se de cá pra lá. Aos ouvidos da gente chegava uma confusão bárbara de sons. Pelos olhos adentro entrava um aglomerado espantoso de imagens fascinantes.

O rapaz alto, metido no terno claro muito surrado, deixou-se levar molemente, pela Avenida acima. Chegou ao “bar”. Devia ser muito conhecido do “garçon”. Não foi preciso dizer palavra para repousar na mesa redonda um copázio cheinho, quase transbordando.

Lá fora, o movimento intensificava-se.

Passou pela janela, relanceando para o interior um olhar vadio, alguém que o conhecia.

– Assinando o ponto, colega?

– É verdade.

– Boa vida, pois não.

Sorriu por complacência. O outro afundou-se na multidão.

– Garçom. Mais um.

Atrás de si uma gargalhada barulhenta o fez virar-se curioso.

– Será possível? Você por aqui?

– Em carne e osso. E veja lá que quase não o ia reconhecendo.

O rapaz alto aboletou-se novamente na cadeira.

– A surpresa foi enorme, Nivaldo.

– Nem supunha encontrá-lo. Você nunca mais deu notícias a ninguém.

Fernando esvaziou o copo, num trago, sem responder.

Refletiu um instante.

– Diga-me uma coisa. Tem sabido da minha gente?

– Notícia muito recente, não. Mas ainda há três meses estive com o Wilson. Ele me pediu que lhe escrevesse, se o encontrasse em alguma parte. O velho Soares não gostou nem um pouco de o ver sair de Faxina, tão de repente.

– Você compreende. Era insustentável a minha situação. Considero-me o único culpado das desgraças que papai sofreu.

– Nem tanto, Fernando. A vida é assim mesma, cheia de altos e baixos.

– E você sabe de outra coisa? Estou convencido de ser um doente, um sujeito emotivo demais, um cansado precoce, talvez.

Nivaldo teve pena do amigo.

– O que passou... passou, primo. Deixe as lamentações para os Jeremias. Você é moço. Pode reagir.

A pergunta veio em voz sumida:

– E a Carlotinha?

Nivaldo contou tudo o que sabia. O velho Soares quase se acabara de ódio. Mas, o casamento com o Olavo se fizera. Estavam morando lá mesmo em Faxina.

– E Sônia?

Fernando ouviu, em silêncio.

O escândalo estalara. O pai da moça, o Estêvão, tudo havia tentado para o encontrar, sem resultado. Afirmara alguém, até que ele, Fernando, se tinha suicidado.

Veja só, que bestice!...

Quando fora a Curitiba, na última vez, Sônia terminara o curso de canto, com excelentes resultados. Falava-se mesmo que um solteirão ricaço a tirara de casa, levando-a para longe.

– E o nome desse ricaço?

– A dona Amélia não me soube informar bem. Consta, porém, que eles se dão esplendidamente. Até parece que a Sônia encontrou a felicidade.

– Deus permita. Ficaria menor, o meu remorso. E você, Nivaldo, o que faz?

– Depois de terminar o curso, andei viajando por esse mundo afora, antes que o dinheiro do velho se acabasse. Pretendo agora criar juízo. Vim ao Rio fazer o curso experimental de Manguinhos.

– O primo é um felizardo.

– Pudera. Nunca fui monge...

Fernando entristeceu. Veio-lhe à lembrança, envolto numa saudade amarga, aquele velho tempo. Tão bom, o passado, apesar de tudo...

– Conte-me agora, algo de si. Lutou muito?

– Se lutei...

Teve um gesto brusco.

– Sou um fracassado... Não dou mais nada.

Sem medir palavras, desafogou ao antigo colega o apoio triste de sua alma.

Andara aí à toa, sem eira nem beira, como um naufrago desesperançado. Tivera dias terríveis, de aperturas, de crise moral. Nessas ocasiões, pensava em voltar para casa. Mas, e coragem?

– Se arrependimento curasse, primo...

Fez uma pausa. E depois:

– Cria às vezes ter sido criança demais. Que diabo! O meu caso é tão banal! Quantos não chegaram a normalizar a vida depois de uma asneira dessas?

Havia em seu rosto uma sombra mal disfarçada de vício. De vício ou de amargura infinita. A amargura também intoxica. É como o álcool, rouba as energias todas. E como o “pó celeste”, destrói o sentido da vida.

– E, agora, que faz você?

– Trabalho num jornal. Faço tudo o que o Fontes pede. A minha seção própria, porém, é a crítica de arte. Sou o Sílvio Ferdinando.

– Você é que assina Sílvio Ferdinando? Não sabia. Que irreverência, rapaz! Que tom azedo de criticar, cruz credo!

– Vingo nos pobres dos artistas, o “bluff” que a vida me passou.

– Sílvio Ferdinando... Este nome é o terror da zona, pode crer. Apesar disto, apreciam-no todos. Você tem talento, Fernando.

Fernando agradeceu o elogio, com um gesto mais amigo. E Nivaldo aproveitou a ocasião para perguntar:

– Quer que escreva a Wilson?

– Por enquanto não. Vamos esperar que a minha vida entre melhor nos eixos.

– Venha daí comigo. Quero hoje mostrar-lhe a minha Ceci.

– Já anda assim? Bem se vê que o monge renunciou ao hábito, uma vez por todas.

As duas semanas de convivência bastariam para restituir a camaradagem antiga.

Ficava, o apartamento de Ceci, numa rua silenciosa, longe do centro. Tudo arranjado com gosto, com conforto.

Fernando avisou, enquanto subiam as escadas:

– Não se espante com o luxo. É o outro quem paga. Não sou eu.

A risada inconveniente de Nivaldo fez a Ceci aparecer lá em cima.

– Que morena apetitosa, primo.

– Não quero mais saber das loiras. Nem na hora da morte.

– Compreendo... Compreendo.

Conversaram os três, longo tempo.

Num dado momento, ao arredar um móvel, Ceci desequilibrou-se. Nivaldo acorreu pressuroso, apanhando-a pela cintura, numa intimidade obrigatória.

Fernando chasqueou:

– Se ficar doente, não faz mal, ouviu, Ceci? O Nivaldo é médico. Verdade que um pouco vagabundo. Mas em último caso, pode servir.

O incidente não mereceu atenção.

– Por falar em medicina, ainda não lhe perguntei. E a sua carreira?

– Qual, Nivaldo. Um grande sonho apenas. Tenho medo da medicina me abrir as portas para novos erros, para outras loucuras.

– É pena, você prometia um talento na clínica.

– Paciência. Um dia, talvez...

Quando Nivaldo, sozinho, ganhou a rua, acendendo um cigarro (ilegível). Fernando meteu-se pra dentro do quarto com a moreninha Ceci. ...Lá ao longe, a cidade trepidante vivia suas horas luminosas, abençoada pelo céu, acarinhada pelo mar gigantesco, inquieto, traiçoeiro.

Fernando entrou na redação folheando um livro sobre luta de classes.

O secretário do jornal, o Fontes, magriço, incansável, mandou-o chamar.

– Escuta aqui, rapaz. Um serviço a teu cargo. Está na cidade uma cantora, de nome Cinira Nobre, que deverá exhibir-se dentro de poucos dias em numerosos regionais. Pois bem. Toma aqui o endereço. Ela espera a nossa reportagem às seis horas. E vê se me arranja também uma fotografia, estás entendendo?

– Perfeitamente.

Saiu, sossegado. Consultou o relógio. Era cedo para a entrevista.

– Vou assinar o ponto, primeiro.

Entrou no “bar”. Deu com o Nivaldo.

– Que calma burguesa, primo!

– Pois então?

– Para onde se atira?

– Vou entrevistar uma sujeitinha, às seis horas.

Na despedida, Nivaldo lhe desejou sucesso.

– Bons ventos o levem.

– Obrigado.

Olhou o cartão. Trazia simplesmente: Cinira Nobre, em negrito. E embaixo, a lápis o endereço.

Alcançou o Hotel, pouco antes das seis. Levaram-no aos aposentos da cantora.

– É ali, no número sessenta.

Saía do local indicado, nesse instante, um senhor vestido com esmero, de bigode espesso.

Fitaram-se altivamente.

– Deve ser o amante figurão, (refletiu).

Fez-se anunciar, simplesmente: o redator, para entrevista.

– Pois não. Tenha a bondade de entrar, madame Cinira vem já.

Inspecionou o apartamento.

– Muito bonito.

Através da porta semi-aberta percebeu, brincando no tapete, uma criança, de costas para ele.

Pensou em fumar. Desistiu.

– Esperemos com paciência.

Cinira Nobre não tardou. Veio magnífica, elegantíssima. E, apenas a viu, Sílvio Ferdinando, o crítico temido, recuou assombrado.

– Você?

E zarpou pela escada abaixo, sem chapéu.

O secretário Fontes mexia numa papelama esparramada pela mesa.

E sem levantar os olhos, gritou para o auxiliar mais próximo:

– Já entrou a entrevista com a cantora Cinira Nobre?

– Ainda não.

Fernando Soares transpunha a porta neste momento, com expressão de réu confesso.

– Bêbado outra vez, rapaz? E a entrevista?

Nem respondeu, largando-se na cadeira.

– Explique-se, explique-se. Vamos.

– Desculpe. Eu...

O secretário magricela por um triz não derrubou os céus.

– Mas isto é insuportável. Como se pode fazer jornal, com tais auxiliares?

– Se quiser, demita-me, respondeu Fernando, ofendido.

Fontes achou de melhor aviso recuar.

– Bem, bem... Perdôo-te desta vez. Mas evite outra. Afinal de contas, tu tens bonito talento.

Fernando perdeu a noção do tempo. Uma coisa incrível dava-lhe um peso enorme na cabeça.

A seu lado alguém adquiria um jornal. Espiou maquinalmente. E viu o retrato de Sônia, sorridente, bonita, fascinante de mocidade.

Chamou o garoto.

– Dá-me um.

Leu. A cantora dissera uma porção de coisas sobre a nova interpretação que pretendia dar às canções regionais, sobre as cidades onde se tinha exibido, sobre a arte em todas as modalidades.

O repórter declarava-se entusiasmado com a sua cultura, com a vivacidade de sua inteligência.

Fernando esmagou a folha, entre os dedos.

– Vida infame!

Cinira Nobre, – nome de palco que Sônia adotara, – ao deparar com Fernando susteve a respiração, estuporada.

Seria, aquilo, qualquer mistificação do jornal?

Encostou-se no umbral. Viu o rapaz sair, sem forças de impedi-lo. E ali ficara, desencorajada, um tempão.

Tirou-a da inanição o telefonema do Fontes, desculpando-se do atraso do repórter, e dizendo que ele apareceria lá dentro em pouco.

Socorreu-se de energias extremas para manter-se cativante diante do enviado do grande diário, e fez toda a simulação de quem necessita de ampla publicidade.

Animou-se, na tarde seguinte, a telefonar incognitamente para o secretário do jornal, indagando onde podia encontrar Sílvio Ferdinando. O Fontes escusou-se a dar a informação pedida.

Esperou alguns dias, e resolveu procurá-lo na redação.

– Sílvio Ferdinando? Existe somente de nome, minha senhora, (informou o rapaz que a atendeu).

– Já sei. Trata-se de Fernando Soares. Conheço-o há tempo, e preciso falar-lhe.

– É pena. Fernando está de licença e não nos deixou o endereço. Mas... se madame permite...

E acrescentou, curvando-se delicadamente:

– Sou um criado às ordens.

– Obrigada.

Desoladíssima, deixou a redação. Que partido tomar? Lembrou-se logo do telefone. Começou a ocupá-lo seguidamente. Nada. A resposta vinha infalível, sempre igualzinha.

– Não, minha senhora, aqui não.

Nivaldo ficou preocupado. O sumiço brusco do primo trazia-lhe maus pressentimentos. Conhecia-lhe bem, o temperamento doentio, descontrolado, e deduziu o que acontecera, vendo no jornal o retrato de Sônia como sendo Cinira Nobre.

Meteu-se a procurá-lo por toda parte.

– Em que diabo de lugar se meteu Fernando?

Um dia, teve uma idéia. Tocou-se para o apartamento de Ceci, da deliciosa moreninha Ceci.

A temperatura aumentara bastante, nessa tarde. E o calor dava uma quebradeira louca no corpo da gente.

Ceci o recebeu na porta, com um “deshabillé” finíssimo.

Perguntou por Fernando. Disse que há dias o procurava inutilmente. Eis por que se lembrara de informar-se com uma pessoa mimosa que muito o conhecia.

– Não. Fernando não tem aparecido, mais. Estou até aborrecida com isso.

– Eu vivo desolado, Ceci. Tenho muito que conversar com o primo, porque preciso viajar em breve até Faxina.

Como encontrá-lo, porém?

– Se ele aparecer, avisá-lo-ei imediatamente.

– Agradecido.

Ceci compôs, com as mãos bem cuidadas, o colo moreno meio descoberto.

– Caso queira descansar, um pouco, Nivaldo...

– Descansar?

Nem refletiu. Entrou.

Fazia-se intensa a publicidade, em torno de Cinira Nobre. Aquele senhor bem vestido, com quem Fernando se encontrara certa vez no hotel, gozava sem dúvida, de grande prestígio.

A cantora exibiu-se com sucesso. Vieram exuberantes, os aplausos. Apenas, no dia seguinte, pela única vez desde quatro anos, Sílvio Ferdinando, deixou de assinar as célebres “Primeiras” no jornal em que era secretário um sujeito magriço, incansável, impertinente, chamado Fontes.

Nivaldo procurou Sônia, após a estréia. O espanto inicial foi curto. Ambos aceitaram logo a realidade dos fatos.

– Quem diria que você...

– Pois é. Quem diria, mesmo...

Nivaldo justificou, com riqueza de argumentos, todas as atitudes de Fernando, nos últimos tempos.

– Não me canso de dizer, Sônia, que ele precisa de repouso. Coitado! Está com os nervos gastos, já.

– Será que poderemos encontrar Fernando, agora?

– É isso que eu quero ver. Diga-me uma coisa. Você fica mais dias aqui?

– Fico. Tenho novo contrato, para a semana próxima.

– Então aguarde os meus avisos.

– Combinado.

Logo que abriu a porta do apartamento de Ceci, percebeu Fernando, largado no “sofá”.

– Ora viva! Até que enfim!

– O que há, primo?

(Era muito hábil para não revelar qualquer embaraço que o compromettesse).

– Tenho estado à sua procura. Vim falar com Ceci, como recurso derradeiro.

– Agradeço o interesse, apesar de inútil.

– Inútil? E por que inútil? Coragem, Fernando. Coragem.

– Sou um falido. Decididamente, sou um falido.

Levantou-se bruscamente.

– A vida me derrotou por completo.

E espiando o sol fuzilante lá de fora.

– Ante isto, só me resta um caminho...

– Não seja tolo, primo. Você não tem mais idade para essas coisas de criança.

E Nivaldo, auxiliado por Ceci, encorajava-o, tanto quanto possível.

Contou que falara a Sônia. Ela ansiava por vê-lo.

– Há de se chegar a uma explicação, por que não?

– Dê-me coragem, então. Sem coragem nada se pode fazer.

Nivaldo referiu-se ao garotinho.

– É por isso mesmo. Sobre Sônia dar-se-ia um jeito...

O outro emendou:

– E quanto ao mongezinho...

– Vá pro diabo. Você me mata com essas brincadeiras.

Foi difícil alterar aquele estado de ânimo. Era muito tarde, já, quando os dois companheiros se puseram a caminhar, na rua quase deserta.

– Pois bem. Falar-lhe-ei, como pede, qualquer dia destes.

No segundo recital de Cinira Nobre, lá estavam os dois, num canto.

– Que tal? Gostando?

– Mais ou menos.

Nivaldo arriscou:

– A metade das palmas devia ser sua.

– Por quê?

– Foi você quem lançou o artigo no mercado...

A coluna de crítica de Sílvio Ferdinando apareceu no dia seguinte. Dessa vez, porém, a sua maneira de julgar chegou diferente, muito diferente mesmo da causticidade antiga.

Decidiu-se a procurar Sônia. Ardia em desejos de acarinhar o menino, e, mais ainda, de olhar de perto, após tantos anos, aquela que inconscientemente viera alterar o curso de sua vida, de maneira decisiva.

Telefonou ao Nivaldo.

– Hoje à noite, primo.

Os primeiros minutos de palestra foram insuportáveis. Por mais que se esforçassem, viam-se aperreados por um embaraço invencível.

Nivaldo percebeu que sua presença era incômoda.

– Dêem-me licença. Volto já.

E saiu, sem esperar resposta.

Fernando, calado, animava a cabecinha cheia de cachinhos louros.

Conseguiu dizer, afinal, num ofego:

– Quatro anos...

Espiou para Sônia. Achou-a mais bonita que nunca.

E caminhou para ela, como um autômato.

Reataram a intimidade. Sônia havia muito que o perdoara, apesar daquele abandono a haver magoado bastante.

– Há! Se as lágrimas levassem ao céu, podia morrer descansada.

– Como foi que encontrou o Castro?

Ela disse tudo, sem esconder a menor circunstância.

E pondo no olhar um carinho sem limites:

– Veja aí quem me dá forças para viver.

– E o nome do menino?

– Por que pergunta? Para mim, só existe um nome bonito no mundo...

– Sempre a mesma... Sempre a mesma...

Fernando não lhe tirava os olhos de cima. Convencera-se de que Sônia não constituía para si apenas uma insignificante aventura de estudante. Os fatos demonstravam, sem reservas, toda a sinceridade de seu sentimento.

– Afinal de contas, o seu destino não foi muito mau. Repare que Cinira Nobre é já um nome feito, com um público certo.

– Sim. Mas para chegar a esse ponto, só Deus sabe quantas humilhações sofreu, e por quantas amarguras passei.

Pôs-se a andar de um lado pra outro. Sentia-se bem à vontade.

– Posso crer no perdão?

– Pode.

Fernando teve na alma um começo de alívio. Quem sabe tudo aquilo até fora melhor para ela? Entre o viver obscuro e inútil a que estaria destinada em casa dos pais, e o futuro menos apagado, mais rico de sensações que a arte lhe permitiria, não se apresentava a menor comparação. E, – como nos tempos de estudante, – bailou-lhe no cérebro o velho pensamento de que o mal é que prepara o bem, de que todo o triunfo se assenta em um amontoado de derrotas, de que qualquer dor traz em si o pólen de grandes felicidades imprevistas.

Transmitiu-lhe a idéia. Sônia achou graça, lembrando aquele verso incomparável: “toda a vida se entretece de mil mortes”.

– E você, por que razão abandonou Faxina justamente quando seu pai mais necessitava de seu apoio?

Fernando aborreceu-se, na evocação do passado.

– Cada qual tem seu jeito de ver as coisas, Sônia. Achei que a minha figura seria triste, ridícula, em toda a parte. E resolvi desaparecer de uma vez por todas.

Desfiou a cantilena de seus dissabores, a inquietação de seus dias estúpidos.

– Percebe como você é mais feliz do que eu?

Sônia acarinhava o filhinho, silenciosa. Mudou o rumo da conversa.

– Ouvi certas referências aborrecidas a seu respeito. Será verdade, Fernando? Tenha cuidado com esse vício, por favor.

Fernando encolheu os ombros displicente. E sem refletir no alcance de suas palavras, falou com o pensamento longe, longe.

– Não vale mais nada, a minha vida. Nem sei, até, por que estou vivo, ainda...

...Abstraiu-se completamente do ambiente.

– Quando Sônia visitou o meu destino, vieram com ela muitas forças inimigas...

E inconscientemente, balbuciante:

– Todo sonho de glória que morre, vira pó. E é tão fácil o pó converter-se em lama, quando a chuva cai...

Lá fora, Fernando amaldiçoava a impertinência de sua neurastenia. E Sônia, dentro do apartamento 60, jogava-se chorando na cama confortável, enquanto, à porta do quarto, o garotinho, muito espantado, espiava aquilo, sem compreender nada.

Nivaldo conversava animadamente com Ceci, quando ele bateu.

– Será Fernando?

– Parece...

– E agora?

Um levantar de ombros acompanhou a resposta:

– Dá-se um jeito.

Fernando estranhou, vendo o primo. Este, porém, não se deu por vencido.

– Percebi que minha presença lá era dispensável. E vim esperá-lo aqui.

– Tenho muito que lhe dizer, Nivaldo. Acompanhe-me.

Passou-lhe o braço, nervosamente.

– Até breve, Ceci.

– Adeus, meu adorado.

Castro, o milionário, amparou-a com meiguice.

– O que há, queridinha? Depois de um triunfo colossal, esse choro sem motivo?

– Largue-me, por favor. Não quero ver ninguém. Não quero.

E debatia-se, soluçando.

O senhor de bigode espesso arregalou uns olhos muito estúpidos.

– Não entendo nada, amorzinho. Diga-me o que foi que houve, diga-me.

– Deixe-me, por caridade. Deixe-me, que não o quero ver.

Ele fez gesto de tédio. Tomou o chapéu e a bengala custosa. E saiu, pisando duro.

Sônia compreendeu o erro de sua exaltação. Calcou aos seios fartos a criança de cachinhos louros.

– Sua mãe é infeliz, meu filho. É muito infeliz...

Na redação barulhenta, o Fontes perguntava intrigado:

– A licença do Soares não venceu ontem?

– Venceu.

– E por onde este rapaz anda, que não me aparece? Só ele é capaz de me fazer este serviço. O resto é uma cambada de imprestáveis, de molengos.

E levantando o tom de voz, ameaçadoramente:

– De molengos, estás entendendo? Molengos. Cavalgadas.

Faxina dormitava profundamente. Nas ruas desabauladas, nenhum passante para aproveitar a luz fraquinha de focos pendentes em postes rústicos. Nas estradas lá de longe, ninguém para compreender os madrigais que a lua tecia a um amante imaginário.

No quarto sem luxo, um gemido de criança rompeu a calma.

– Quietinho, filho.

Da parte vizinha, partiu, irritada, uma voz de homem.

– Veja o que tem esse menino, Carlota.

– Não é nada, papai.

(Ao seu lado, Olavo ressonava como um suíno).

Na pensão da dona Amélia, entraram os dois estudantes na ponta dos pés.

– Depressa com essa luz. Ainda esborracho o nariz em qualquer canto.

– Tanto melhor. É um de menos para fungar como um desesperado, a noite inteira.

Começaram a despir-se.

– Então, idiota, levou um zero da Carmita, hein?

– É. Desta vez tomei na cabeça, redondamente.

O companheiro sacou fora a camisa.

– Não precisa ficar triste, Roberto. Arranje outra. E enquanto estiver em jejum, consola-se com a vizinha, a Catarina.

– Deus me livre! Não gosto de galinha velha.

Numa casa próxima, havia ruído de jornal abrindo-se.

– Venha deitar, Estêvão.

– Logo mais.

E voltando-se para trás:

– Está sendo formidável o sucesso de Sônia. Já lhe vou mostrar o elogio do tal Sílvio Ferdinando. Era deste que ela mais tinha medo, parece.

– Ahn!

E a velha polonesa virou-se pro canto, bocejando.

Ao ouvir o convite do primo, Nivaldo sentiu um ligeiro estremecimento. Fernando andava com os nervos abalados, e seria capaz de qualquer asneira, até por causa de Ceci.

Chegaram no “bar”, sem trocar palavra.

– Sente-se aí, Nivaldo. Olhe bem pra mim.

– Pronto. Estou olhando.

– Eu tenho cara de égua?

– ...

Repetiu a pergunta. E acrescentou:

– Pois sou pior que uma égua, garanto. Sou um bucéfalo. Sou um mastodonte.

Nivaldo compreendeu que o caso de Ceci cedera lugar a outro qualquer mais importante.

- Antes tivesse saído do Rio. Antes nunca mais tivesse visto a Sônia.
 - Mas... não sei de que se trata. O que houve entre vocês?
 - Não houve nada. Absolutamente nada. Nem sei mesmo por que deixamos de conversar.
 - Então...
 - Então, ainda acabo ficando louco, Nivaldo. Louco. Doido varrido.
 - Acalme-se, rapaz. Acalme-se.
- E com voz mais grave:
- O que é esse “muito”, que tem a dizer-me?
 - Não sei. Minha cabeça nem se governa, mais.
- Apertou-lhe a mão com força.
- Quero que você me ajude, Nivaldo. Quero que você me ajude, senão estouro os miolos.

O resto da noite foi vivida na mesinha imunda.

A manhã chegou, varrendo o céu carioca para o desenrolar de mais um dia, sem limpar, contudo, da cabeça de Fernando Soares, a dúvida terrível que o atormentava.

Casar-se legalmente com Sônia e volver à calma de Faxina?

Continuar no Rio, tendo-a em lugar de Ceci, como simples amante?

Deixá-la, e ao filhinho, sob a proteção daquele senhor de bigodes espessos, do Castro?

...Uma chaminé comprida vomitou para o ar a fumaceira negra. E a fumaceira negra pouco a pouco foi desaparecendo lá no alto, como um crepe finíssimo, imponderável...

Nivaldo continuava empenhado em consertar a vida do primo. Era mesmo de causar pena que um talento primoroso como o de Fernando, que uma cultura bonita como a sua, se estiolassem na inutilidade de uma existência boêmia, fruto apenas do exagero de sua sensibilidade.

– Você o que está é doente, (dizia-lhe). Procure controlar os nervos, e verá que os dramas da sua consciência não são graves assim.

Queria fazê-lo compreender que o caso de Carlotinha não tinha relação alguma com o seu.

– Carlotinha errou, Fernando, porque o seu destino era esse mesmo. Ninguém, agora, o pode responsabilizar, por isso.

– E papai? Papai, de coração, jamais me perdoará aquela fuga covarde, injustificável. Bem que conheço o velho.

– O velho Soares há de perdoar. Você não fez nada demais. Mostrou apenas ser um rapaz de brio, que preferiu separar-se da família, antes que arrastar diante dela o constrangimento de seu erro.

– Rapaz de brio... Rapaz de brio... Que brio pode ter quem não conservou sequer o ânimo de reparar as próprias culpas?

Nivaldo abanou a cabeça, desolado.

– Desse modo, ninguém conserta, mesmo, o seu crânio...

Aconselhou-o com voz firme.

– Esqueça. Procure esquecer tudo isso. Comece vida nova. Veja no futuro uma maneira de limpar o passado.

– E o remorso, Nivaldo? E essa coisa horrível me mordendo a alma por causa de ter abandonado papai quando ele mais precisava de mim, de ter deixado Sônia entregue à crueza de sua situação, de ter indiretamente provocado a queda de minha irmã?

– Esse pensamento seu está errado. Carlotinha fez o que fez, sem saber nada de você. Ademais ouça isto. Sônia já o perdoou, em termos claros. Sua irmã vai vivendo muito bem. E o velho Soares tem todo o empenho em o ver novamente.

Fernando mostrava-se irredutível.

– É difícil, primo. Sou um bugre duro à catequese.

Sem lhe dizer nada, Nivaldo escreveu a Wilson narrando tudo o que vinha acontecendo, opinando, portanto, que o velho Soares se correspondesse diretamente com o filho.

A resposta de Faxina não tardou. O pai de Fernando transmitiu-lhe uma porção de conselhos, dizendo-lhe que fora muito precipitado, que um coração de pai não pode nunca guardar rancor dos filhos etc. etc., terminando por afirmar que todos de casa o esperavam ansiosamente.

Leu a carta com olhos gulosos. Em meio aos incontestáveis contratempos de sua vida, aquelas palavras cheias de bondade pareciam um consolo vindo do céu. E teve então uma bruta vontade de sair à rua, gritando com toda

a força dos pulmões que ele, Fernando Soares, o temido Sílvio Ferdinando, ia mandar às urtigas o jornal e a impertinência do Fontes, as extravagâncias e a carne morena de Ceci, o calor e o tumulto carioca...

Logo após a brusca saída do Castro, Sônia sentiu-se envergonhada da atitude que tomara. O fato de ter estado sempre com o Castro desde que rompera com a família, dava-lhe a impressão, pelo menos a impressão, de não pertencer à casta dessas mulheres vulgares, que se juntam com o primeiro amante rico que aparece.

Daí por diante, porém, como levaria a vida, largada, sozinha, com o filhinho de pouca idade?

– Sua mamãe é muito infeliz, filho, (repetiu ainda, aconchegando ao peito sacudido de soluços o garotinho que não compreendia nada daquilo).

Castro rompeu sua altivez de sempre. Voltou mais tarde, perguntando, com um sorriso, se passara a crise de nervos.

– Foi uma tolice minha, explicou Sônia. Estava nervosa, por ninharias. E aceitou os carinhos do milionário.

Nivaldo foi vê-la.

– Naquela noite, Sônia teve pena do primo. Fernando gosta de você, de verdade. Mas é um rapaz que não mais domina a vontade. Quer fazer uma coisa, e não faz. Não quer fazer, e faz.

– Pobre do meu Fernando. Eu o amo tanto, apesar de tudo...

Nivaldo foi encontrá-lo de fisionomia transfigurada.

– Viu passarinho verde?

– Parece.

E passou-lhe a carta.

– Só quero saber qual o traidor que mandou ao velho o meu endereço.

Nivaldo fez que não entendeu.

– Palavra de honra, primo. Este é um dos dias mais felizes de minha vida. Tenho a impressão de que, num segundo, fugi de todas as aperturas para integrar-me na felicidade, na paz admirável dos...

– ...dos monges, emendou o outro.

– Irra!

Enquanto caminhavam ao longo da Avenida, a conversa continuou. Fernando fazia hipóteses, dispunha planos para quando chegasse em casa, cuidava das minúcias todas do futuro.

Num dado momento, perdeu bruscamente a loquacidade.

– O que foi que aconteceu?

Fernando continuou taciturno.

– O que lhe aconteceu, rapaz?

– Agora é que me lembro. Papai nem tocou no nome de Sônia.

– Hom'essa. E o que tem isso a ver com sua volta? Não lhe tocou no nome, porque não sabe que Sônia está aqui, ou não se lembra mais dela, ou por outro qualquer motivo.

– Se papai soubesse, não escrevia a carta naqueles termos.

– Escreveria, como não? Ela é uma pequena tão digna...

– Digna... Digna... Uma simples amante do Castro...

Nivaldo não cedeu terreno.

– Amante, sim, mas por razão das circunstâncias. Estou certo de que, no fundo, Sônia é a mesma moçoila correta dos tempos de Curitiba. De mais a mais, você poderá ser inteiramente feliz levando-a consigo. Manda ao diabo os diz-que-diz-ques da aldeia. Agarra a felicidade pelos cabelos antes que a felicidade escape.

Como era um grande amigo, o Nivaldo!

– Quer saber de uma coisa? Siga por aqui comigo.

E levou-o à força, ao apartamento de Sônia, pondo a questão em pratos limpos.

– Pois é o que lhes estou dizendo. Acertem-se, enquanto é tempo.

Nivaldo jogou a cartada decisiva. Pegou o garotinho, atirou-o para cima, – amparando-o depois pelas axilas, numa brincadeira que o fazia rir tanto quanto a criança, – e exclamou triunfante:

– E por que argumento mais evidente que este?

(O menino de cachinhos louros reclamava a repetição da proeza, batendo as mãos de contente).

O milionário não gostou da história, apesar da magnífica dialética do Nivaldo.

– Afinal de contas, que papel represento eu em toda essa pantomima?

Estava furioso. Disse-lhe meia dúzia de palavras ásperas. Mas o defensor de Sônia e de Fernando retribuiu-lhe os desaforos com outra meia dúzia... de sorrisos.

– Paciência, meu caro. A história deles é essa, vírgula por vírgula.

– Quando Castro pegou o chapéu e abalou pela escada abaixo, (até se esqueceu da bengala custosa), o moço fez um gesto canalha.

– Como de uma figa.

Nivaldo teve de viajar, quatro dias depois, a chamado da família.

Fernando e Sônia acompanharam-no até a estação.

– Devemos a você a reconquista de nossa felicidade.

– A mim? De forma alguma. Devem-na ao bom senso apenas.

A sineta deu o sinal.

– Espero vê-los em breve começando vida nova, hein?

– Se Deus quiser, Nivaldo.

– Se Deus quiser, primo.

O trem saiu devagarinho. Longe, na curva, apitou. E o apito veio dolorido, triste.

O apito, é a sonorização do adeus. E o adeus é já um começo de saudade. Por isso mesmo ele é triste, dolorido...

TERCEIRA PARTE

– Serve, dona Amélia, serve.

Enquanto a mulatinha ia arrumar o quarto da frente, deixou-se ficar derreado numa cadeira da sala de jantar.

Os que vinham da rua olhavam com certo respeito aquele senhor desconhecido, de barba crescida, com a roupa suja de pó. A seu lado, o garotinho vestido de preto tinha os olhos espantados, com o beicinho fazendo um jeito de choro iminente.

– O quarto está pronto. Quer para já, o banho?

– Sim.

Entrou no aposento. A mesma mesa. O mesmo guarda-roupa. Tudo sem a menor mudança.

(O menino ficou na porta, desconfiado, tristonho).

Abriu a janela. Havia no céu prenúncios de chuva forte. O ar estava pesado, precedendo a borrasca.

Na casa vizinha, o portãozinho discreto não fora repintado, ainda.

Fernando sentiu um aperto invencível na garganta.

Recordou os últimos acontecimentos que lhe tinham transtornado novamente a vida. Lembrou-se da angústia de Sônia quando, no Pronto Socorro, vira a derradeira expressão de seus olhos claros, lindos, na tarde seguinte ao embarque do Nivaldo.

O automóvel em que ela viajava para o ensaio no teatro, chocara-se horrivelmente com o “omnibus”. E por ser notável a velocidade de ambos os veículos, o desastre atingiu proporções espantosas.

Logo depois tivera conhecimento do fato. Acorrera imediatamente ao Pronto Socorro, e assistira ainda a seus últimos momentos.

Sônia apertou-lhe com força a mão trêmula, transfigurando o rosto num esgar de dor inaudita.

– Fernando... Seja... muito feliz... Não se esqueça... nunca... de meu amor... grande... grande...

Encolheu-se novamente, já quase desfalecida pela hemorragia rebelde.

– Fernando... atenda... o nosso filho querido...

(Os circunstantes comoveram-se, sem o querer).

– ...O meu filhinho... Fernando...

Não resistiu. Teve as pálpebras molhadas como as biqueiras da casa da frente.

Por uma retrospectiva impertinente, pareceu-lhe assistir a uma cena longínqua, em que o povaréu anônimo enfiava-se comicamente pelas portas, fugindo ao temporal medonho.

Julgou ver uma velhota, arrastando pela mão um garoto de seis anos, e cruzando a calçada, com azedume:

– Anda pestinho! Depois vai ficar doente, aí à toa.

Vislumbrou um moleque, de boné caído do lado, assobiando um samba vulgar, de mãos enterradas nos bolsos.

Sentiu, bem pertinho, um sujeito corpulento, de braço atravessado na cintura de uma moça muito delgada, e esfregando-se lentamente na parede.

A seus ouvidos, chegavam farrapos de frases apenas balbuciadas.

No interior da pensão uns rapazes muito diferentes começavam a mastigar o jantar de dona Amélia.

(O garotinho louro trancou a porta, com medo, choramingando).

A chuva continuava a cair, muito sonora, fazendo do asfalto um salão de dança maluca, transformando os telhados num tablado de fandango, onde cada bailarino não sobrevivia aos primeiros passos.

Fernando mantinha-se imóvel. Grossas bátegas caíam-lhe em cheio no rosto amargurado, castigando-o, vergastando-o impiedosamente, enquanto dos cabelos molhados escorriam uns fios de água compridos, compridos...